

Jorge Broide

Escutar territórios e sujeitos: por uma psicanálise viva

Realização Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

Jorge Broide é graduado em Psicologia pela PUC-SP, mestre em Psicologia Clínica pela PUCCAMP, doutor em Psicologia Social pela PUC-SP, onde é professor da graduação em Psicologia. É Psicanalista, Analista Institucional, coordenador da SUR: Psicanálise e Intervenção Social, coordenador do curso de especialização “Psicanálise nas Situações Sociais Críticas” no COGEAE, da PUC-SP, e professor convidado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da USP. Coordena o Projeto Gabriela na Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais na PUC-SP para o desenvolvimento do trabalho com população em situação de rua.

Foi diretor do Centro de Defesa de Direitos Humanos de Osasco na década de 1970, idealizador e um dos organizadores do I e II Encontros de Psicanalistas e Psicólogos Marxistas promovido em parceria com a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana (Cuba), em 1986 e 1988. Ao longo de dez anos foi presidente do Centro Latino-Americano em Saúde Mental.

É autor de vários livros e artigos publicados no Brasil, na Argentina e em Portugal especialmente voltados a diferentes situações sociais críticas, tema central de suas reflexões desde 1976. Entre eles, destacam-se Clínica Psicanalítica na Rua (Juruá, 2022), Psicanálise nas situações sociais críticas, Violência, juventude e periferia: em uma abordagem grupal (Juruá, 2008), e coautor nas obras Butantã: um bairro em movimento. Memória, vida e transformação (Versal, 2013); A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções (Escuta, 2015), População de rua: pesquisa social participativa (Juruá, 2018) e Psicanálise na Cidade (Escuta, 2022). Também é coordenador da Coleção Práxis

Psicanalítica da Juruá Editora e membro da Comissão Científica da Editora Escuta.

O grupo de entrevistas da Percurso buscava há tempo dialogar com os trabalhos ligados às clínicas públicas de psicanálise. Há uma longa história que tem sido contada sobre esse tema nos últimos anos, fazendo justiça a inúmeros profissionais e grupos que se debruçaram sobre essas práticas que nos remetem ao diálogo necessário e essencial entre Política e Psicanálise.

Vale destacar, entre outros, a publicação de Territórios Clínicos – mapeamento realizado pela Fundação Tide Setúbal e do podcast “As clínicas públicas de psicanálise no Brasil”, que contaram com o apoio da mesma Fundação e da editora Perspectiva.

Ao estudarmos essas produções, somadas ao importantíssimo livro As Clínicas Públicas de Freud de Elizabeth Ann Danto, em que a autora faz uma extensa pesquisa das relações entre Psicanálise, Políticas Públicas e busca de justiça social, optamos em entrevistar Jorge Broide por conta de sua trajetória de várias décadas nessa área, e da importância de seu trabalho.

Broide relata, em nosso encontro, que iniciou sua trajetória ainda quando era estudante da Faculdade de Psicologia em um estágio na Organização de Auxílio Fraternal (OAF). Jovem estudante de psicologia, judeu e ateu, era conduzido pela Freira Fortunata, que rezava e dirigia uma kombi até o viaduto da Vila Guilherme, onde se encontrariam com moradores de rua para escutá-los. Tratava-se de entrar em um outro mundo que o desafiava e o encantava; o da escuta dos sujeitos que viviam em situações de enorme violência e vulnerabilidade social, privados de direitos básicos da cidadania. Dava-se aí o frutífero encontro entre o futuro psicanalista e os religiosos praticantes da Teologia da Libertação.

Broide se comprometeu profundamente com os trabalhos realizados em torno de

viadutos, praças, prisões, centros comunitários, mas cada vez mais se fez acompanhar pela construção de um conhecimento que se desenvolveu por meio de muito estudo e pesquisa. Entre as várias marcas que influenciaram sua trajetória, destaca-se aqui na entrevista a importante parceria com a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana, onde muitos diálogos puderam ser realizados e que foram determinantes na trajetória do nosso entrevistado.

A partir da constatação da insuficiência do saber psicanalítico para lidar com situações sociais tão complexas, Broide buscou somar aos estudos psicanalíticos saberes advindos da Filosofia, Educação, Geografia, Saúde Pública e Sociologia. Tratou de desenvolver um currículo extenso que une vários campos de conhecimento que, articulados à Psicanálise, viabilizam o trabalho em emergências sociais.

Desenvolveu, em conjunto com Emilia Estivalet Broide, conceitos como Escuta Territorial e Ancoragem que passaram a compor um verdadeiro campo metodológico onde se sustentam muitos trabalhos que conferem à Psicanálise um outro patamar em sua dimensão ética.

Ao conhecer o trabalho de Elizabeth Ann Danto, Jorge relata ter ficado feliz e aliviado. Sentiu-se herdeiro da convocatória feita por Freud, em 1918, para o desenvolvimento de clínicas públicas. Clínicas essas que se mantiveram até 1938 na chamada Viena Vermelha, e em outras cidades da Europa. Lembrou que, por muitos anos, ouviu críticas e desconfianças que apontavam que sua prática não poderia ser considerada dentro do exercício da Psicanálise.

Ao encerrar a entrevista com Broide, pensamos ser exatamente nesse contexto da escuta da dor e do sofrimento humano em sua dimensão mais extrema que a Psicanálise se faz mais profunda e original.

Silvio Hotimsky





Organização de Auxílio Fraterno [OAF], era uma instituição que trabalhava, e ainda trabalha, com a população em situação de rua.

PERCURSO Gostaríamos que você nos contasse sobre sua aproximação com a psicanálise e sobre sua formação. Como construiu as relações entre a psicanálise e a política?

BROIDE Quando eu estava na faculdade, comecei a trabalhar como voluntário em uma instituição de que até hoje gosto muito, a Organização de Auxílio Fraterno [OAF]. Era uma instituição que trabalhava, e ainda trabalha, com a população em situação de rua. Tenho pensado muito nisso, estou fazendo 70 anos e vamos nos lembrando de coisas.

PERCURSO Em que ano da faculdade você estava?

BROIDE Estava no segundo ano, em 1976. Era um moleque, imaginem vocês! Lembro bem a primeira vez que fomos para a rua, era de noite, embaixo do viaduto da Vila Guilherme. Íamos em uma kombi dirigida pela Fortunata, uma freira nordestina que rezava a Salve Rainha enquanto dirigia. Essa cena é muito interessante, fico pensando nela, dirigindo, rezando, e eu dizendo: “que mundo esse, hein?”

A experiência da rua já tinha me pegado na adolescência, quando li *Capitães de Areia*. Os meninos de rua, a vida na rua, foram algo que me tocou profundamente. Então, comecei como voluntário na OAF e depois fui contratado como gerente do setor de adolescentes de rua. Fiquei um tempo. Não muito, mas fiquei. Trabalhamos com adolescentes e crianças no Largo da Concórdia, no Brás.

Na mesma época, um professor de psicologia social, o Padre Abib Andery, me convidou para trabalhar no Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Osasco. Soube depois que esse tinha sido o segundo centro de defesa de direitos humanos do Brasil. E junto tinha o Padre Agostinho, com quem aprendi muita coisa. Eu, um judeu ateu, aprendi muita coisa com a Igreja, com o pessoal da Teologia da Libertação. Eu e Agostinho começamos a trabalhar na Cadeia Pública de Osasco, fazíamos grupos no pátio da cadeia. Eles nos trancavam, passavam a chave e nos deixavam lá, para vermos o que era bom. Os três primeiros grupos foram coordenados pela Lúcia Wisnik, que faleceu muito jovem, pela Martinha [Marta Azzolini] e por mim. Trabalhávamos ali e na rua também. Do trabalho de rua participavam a Heidi Tabacof, Cristina Magalhães, Manoel Berlinck, entre outros. Depois foi se constituindo uma equipe maior na penitenciária onde estavam o Claudio Wagner, a Fátima Vicente, Cibele Giacone e outros. Eu tinha ficado muito tocado com a questão de como fazer uma clínica na rua naquele tempo, de uma forma muito diferente do que penso hoje. Além do trabalho de rua no Largo e na cadeia de Osasco, tinha o trabalho numa prisão clandestina, onde a polícia escondia e torturava os presos correccionais. A Justiça nos apoiava para entrar lá e retirar crianças, mulheres e homens que estavam presos indevidamente. Montamos também uma central de atendimento. Foi tudo concomitante.

No Centro de Defesa de Direitos Humanos, entrei em contato com os líderes sindicais que estavam saindo da clandestinidade. Havia toda uma articulação, estava começando a fundação do PT. Era o tempo das greves e manifestação dos metalúrgicos do ABC no estádio da Vila Euclides, tudo muito forte. Atendíamos os militantes, mas sobretudo fazíamos a capacitação das populações das favelas contra a violência da Rota [Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, da Polícia Militar]. Subíamos os morros e íamos trabalhando sobre como deviam se defender, sobre como e quando se identificar, sobre como pedir que os policiais



se identificassem para que soubessem que estavam, de algum modo, sendo controlados. Era um momento em que ainda havia, ali no Centro de Defesa, vários grupos semiclandestinos, todos apoiados pela Teologia da Libertação. Havia os remanescentes da greve da COBRASMA [Companhia Brasileira de Material Ferroviário], de 1968 e outras pessoas que acabei conhecendo e me marcaram muito. Fui entrando num mundo que me tocou profundamente, muito diferente do meu mundo de origem, ali eu via a vida se dar. Brinco que sou um psicanalista freudiano, mas cada vez mais sou um “nelson rodriguiano”, por trabalhar com a vida como ela é, trabalhar nos lugares onde a vida se joga desse jeito. Então, começou assim.

Depois eu segui, fiz muitos outros trabalhos em Osasco, ao longo de décadas, e toda vez que voltava lá, lembrava que tínhamos sido três diretores no Centro de Defesa dos Direitos Humanos, eu tinha 23 anos, e era o mais velho! O outro era o Benedito Mariano, que foi secretário de segurança municipal no governo da Marta Suplicy, ouvidor da polícia, e atualmente secretário de segurança de Diadema. Uma pessoa muito interessante, também vindo do movimento sindical, acho que dos metalúrgicos. E o terceiro era o Emídio de Souza, que depois foi prefeito de Osasco e é deputado estadual.

PERCURSO Desde o início a política esteve presente em seu trabalho, assim como a psicanálise?

BROIDE O conflito social e a psicanálise. Na época, o que tínhamos era aquela rigidez freudiana da IPA, muito, muito forte, e com um enorme distanciamento da realidade. Então, começamos pelo Reich, ele foi a nossa porta de entrada porque trazia a questão política, a experiência de trabalho com os estudantes, com os sindicalistas, com os operários e seu envolvimento, na época, na luta contra o nazismo. Depois, fui reencontrar tudo isso nas clínicas públicas, para as quais o Reich é uma pessoa superimportante. Foi por aí que entrei na psicanálise, uma psicanálise mais ligada ao marxismo.

*o trabalho de um psicanalista
nas políticas públicas
é um campo profissional também
importante. Eu já tinha alguma
ideia dessa articulação via Reich,
mas não tinha isso
organizado na cabeça.*

PERCURSO Você frequentava grupos de estudos? Como era?

BROIDE Na época, frequentei grupos de estudos com o Fábio Landa por um bom tempo; ele coordenava esse grupo que trabalhava em Osasco, e estudávamos juntos. Inclusive, atendíamos no mesmo consultório.

PERCURSO Você costuma dizer que o trabalho da psicanálise não se resume ao consultório. Como as clínicas públicas entraram na sua vida?

BROIDE Foi algo muito interessante. Faço isso há 46 anos. Tenho meu consultório e vou fazendo esses trabalhos, alguns voluntariamente, outros profissionalmente. O trabalho de um psicanalista nas políticas públicas é um campo profissional também importante. Eu já tinha alguma ideia dessa articulação via Reich, mas não tinha isso organizado na cabeça. Quando veio o livro da Elizabeth Ann Danto, foi um marco para mim porque me dei conta de que sou herdeiro de algo importante. Sem saber direito, me constituí como um herdeiro dessas pessoas e do próprio Freud.

PERCURSO Quer dizer, ela nomeia para você o que estava na sua experiência há muitos anos. A publicação desse livro aqui no Brasil foi só em 2019, não?

BROIDE É recente. Até então, o nosso trabalho era tido como algo que escutei milhares de vezes na vida: “Isso não é psicanálise, o que você faz



*temos trabalhado muito
com prefeituras do Brasil afora.
Tem sido muito legal
porque o que nós montamos
é uma capacitação em que trabalhamos
com conteúdos teóricos
e com supervisão de casos.*

é outra coisa”. Eu nunca aceitei. Mas é duro... Então, o livro da Elizabeth Danto ajudou muito no sentido de as pessoas entenderem o papel do Freud, e dos primeiros psicanalistas nessa clínica.

PERCURSO Por que é tão duro não ter seu trabalho reconhecido como psicanálise?

BROIDE É duro porque vivemos um isolamento, uma ausência de interlocução. E, também, muito ataque. Então você tem que sustentar o lugar em que acredita.

PERCURSO É interessante porque, transferencialmente, se experimenta aquilo que se procura escutar e tratar. O analista fica tão invisibilizado quanto o sujeito que está na rua.

BROIDE Exatamente. Era muito difícil. Inclusive, artigos foram muitas vezes recusados para publicação. Lembro uma vez em que fizemos uma mesa com o Paul Singer, em Porto Alegre, falando do trabalho que fazíamos em Catende, na Zona da Mata Sul de Pernambuco. Era uma enorme usina de açúcar que se tornou o maior empreendimento de economia solidária do país, talvez da América Latina. Era também o maior assentamento de reforma agrária do Brasil. Eu fazia esse trabalho através da Secretaria Nacional de Economia Solidária, junto com o Professor Paul Singer e sua equipe. A fazenda e a usina tinham 25.000 hectares e perpassavam cinco cidades com oito vilas e quatro mil famílias. Foi um trabalho incrível!

Não quiseram publicar, disseram que não era clínica. Esse é o isolamento.

PERCURSO Isso impede a ampliação dessa clínica, não é? De ser mais divulgada, mais praticada.

BROIDE É, assim foi. O interessante é que isso está mudando em muitos lugares, tem sido um momento bastante importante. Algumas sociedades de psicanálise têm me chamado, o que é, de alguma forma, surpreendente. Em uma dessas instituições estamos construindo uma clínica social na qual se atende em um abrigo a população trans de rua. Fui convidado por algumas outras instituições para dar cursos e escrever artigos sobre a Psicanálise nas situações sociais críticas. As pessoas querem saber, querem dialogar.

PERCURSO Nessa clínica, vocês trabalham com a urgência e não com uma demanda propriamente dita. Uma urgência que vocês detectam no território através de uma escuta atenta. E você fala de uma escuta territorial. Qual a especificidade dessa escuta?

BROIDE O que geralmente acontece é que os problemas chegam para nós. Nos procuram dizendo que tem um tal problema com a população de rua, com isso ou com aquilo, nos demandam.

PERCURSO Quem demanda?

BROIDE O Estado, o terceiro setor e a iniciativa privada. Temos trabalhado muito com prefeituras do Brasil afora. Tem sido muito legal porque o que nós montamos é uma capacitação em que trabalhamos com conteúdos teóricos e com supervisão de casos. Geralmente no SUS [Sistema Único da Saúde] e no SUAS [Sistema Único de Assistência Social]. Acho que já capacitamos umas duas ou três mil pessoas, trabalhadores que estão na trincheira, como dizemos. Eles não têm que ser psicanalistas, mas a compreensão de alguns conceitos da psicanálise muda completamente o trabalho deles. Por exemplo, quando esse trabalhador entende o conceito de transferência, ou seja, que aquilo que está acontecendo ali é o sujeito que está falando com a própria história, e não



com ele, não o está atacando. Isso muda completamente o jeito de o atendimento acontecer, ou a forma como se dão as relações no território.

PERCURSO Como você trabalha, com quem?

BROIDE Fundamentalmente a Emília [Broide] e eu. Temos uma pequena firma para emitir nota fiscal a que demos o nome de “Sur”, sul em espanhol. Aí começaram a vir todos esses trabalhos que fazemos pela “Sur”. Com esses trabalhos, constituímos um grupo grande de jovens. Hoje em dia são uns 30 jovens que fazem clínica em lugares muito complicados.

PERCURSO Jovens estudantes de faculdade?

BROIDE São estudantes da PUC. Outros recém-formados. Vejo que aquela experiência que tive quando ainda estava na faculdade está no âmago da minha prática. Incrível, porque agora é uma molecada de 22, 23 anos, atendendo população de rua, em situações difíceis, na República, na Zona Leste, em parceria com a Fundação Tide Setúbal, onde eles têm o galpão, e na Zona Sul. Atendem em diferentes tipos de trabalhos. E nós trabalhamos a partir da escuta territorial. O que é a escuta territorial? Partimos do princípio, sendo psicanalistas, de que existe uma série de laços conscientes e inconscientes entre as pessoas no território da cidade, e que os laços inconscientes vão constituindo uma materialidade muito importante. Por exemplo, se o cara está vendendo cachorro-quente em um carrinho, toda a vida dele está jogada naqueles dois metros quadrados. É ali que ele vive, que conhece a vida, que sustenta a família. Tudo aquilo que importa de alguma maneira está ali, onde se joga de alguma forma. São esses laços que escutamos, as relações inconscientes que estão nas calçadas, nas ruas, nos comerciantes. E fazemos isso escutando mesmo: “Oi, boa tarde. Como é que estão as coisas aqui?”. Vamos falando e escutamos na escuta clínica, usando os quatro conceitos do Lacan. Escutamos a transferência, a pulsão, o inconsciente e a repetição. E as pessoas falam, falam de verdade o que acontece ali. Geralmente,

*sempre uso uma imagem
que é como se descêssemos
de um elevador, parando abaixo
da calçada, e aí vemos
um mundo gigantesco de relações
e de questões que afetam
profundamente a vida das pessoas.*

quando andamos nas calçadas, andamos cegos, completamente cegos...

PERCURSO Como assim?

BROIDE Você só vê a aparência da aparência. Não vê todos os laços que estão presentes, pulsantes. A vida das pessoas está em jogo na cidade, como a nossa vida está em jogo aqui. Sempre uso uma imagem que é como se descêssemos de um elevador, parando abaixo da calçada, e aí vemos um mundo gigantesco de relações e de questões que afetam profundamente a vida das pessoas. E com a escuta, vamos identificando os principais emergentes e significantes do território. Emergentes, em uma linguagem pichoniana, e significantes, na linguagem lacaniana. O que é que pulsa nesse território? A partir desses significantes, nós vamos construir os dispositivos clínicos. Consideramos que o consultório é um dispositivo clínico, mas podemos e devemos construir outros dispositivos clínicos de acordo com a emergência social, com aquilo que de fato está afetando a vida das pessoas naquele lugar. Usamos um certo arcabouço interdisciplinar, mas é de acordo com os significantes que vamos montando os dispositivos.

PERCURSO Você poderia dar um exemplo?

BROIDE Antes da pandemia, uma instituição que fica no Jabaquara nos pediu para fazer um atendimento clínico. Essa instituição é cercada por favelas e tem um setor que atende adolescentes



pensamos num projeto que chamamos de “Filas e Portas”. A porta da creche é o lugar onde o território está completamente pulsante.

As pessoas vão buscar as crianças, se encontram [...] E a nossa equipe está ali na porta também. E as pessoas começam a falar, falar, falar.

em conflito com a lei. Nós começamos o trabalho e fomos escutando as pessoas do território. Chegamos a três significantes principais: o estresse, a depressão e o cuidado com as crianças. Era aquilo que preocupava as pessoas.

PERCURSO Quem vocês escutaram? As pessoas que trabalhavam na instituição, os usuários?

BROIDE Os funcionários da instituição e as pessoas da comunidade. Quem atendia e quem era atendido. Fomos fazer visitas domiciliares na favela, nas casas dos adolescentes em conflito com a lei. E chegamos a aqueles três significantes. Quando iríamos começar o atendimento, a sala estava pronta, todo mundo feliz com uma salinha para atender, algo comportadíssimo, acontece a pandemia! Nós falamos: “Não, não vamos recuar”. E o que fizemos? Anotamos os números de WhatsApp de todas as pessoas atendidas pela instituição, as que estavam lá no meio da favela, as que estavam na distribuição das cestas básicas, e mandamos um link com o seguinte dizer: “Se você está deprimido, se você está estressado, se está preocupado com as crianças, nós estamos constituindo um serviço de atendimento psicológico gratuito. Entre em tal link, caso queira”. Uma coisa de uma simplicidade total. Aí foi interessantíssimo. Entramos em lugares onde nunca entraríamos. Era a mulher que ligava lá do barraco contando o que estava acontecendo... Não teríamos acesso a essas pessoas se não fosse dessa maneira.

Então, sempre escutamos o território com essa metodologia e, a partir daí, vamos construindo um dispositivo. Fizemos isso também na Zona Leste, onde trabalhamos com a Fundação Tide Setúbal. Atendemos grupos de mulheres e, como elas vêm com os filhos, atendemos grupos de crianças, grupos nas escolas. E estamos desenvolvendo também um projeto de que gosto muito. Com o trabalho na instituição do Jabaquara, descobrimos, ali do lado, um lugar que se chama Fila do Pão, onde há 30 anos se distribui pão e legumes para os famintos. Então, a nossa equipe passou a ir para lá, às 7 horas da manhã nas sextas-feiras: “Bom dia, dona Maria”. “Bom dia! Ó, chegaram os psicólogos!”. E assim as pessoas vão falando, falando, às vezes fazemos um encaminhamento, mas principalmente escutamos. Vimos que a fila e a porta constituem um espaço clínico com uma potência gigantesca, tanto é que pensamos num projeto que chamamos de “Filas e Portas”. Lá na Zona Leste tem uma creche, uma CEMEI [Centro Municipal de Educação Infantil] e, imagina, a porta da creche é o lugar onde o território está completamente pulsante. As pessoas vão buscar as crianças, se encontram, conversam, é onde surge tudo. E a nossa equipe está ali na porta também. E as pessoas começam a falar, falar, falar. A partir do território vamos montando diferentes dispositivos.

PERCURSO Quer dizer, de uma emergência se cria uma demanda e se monta um dispositivo clínico.

BROIDE Isso. E, muitas vezes, o dispositivo é interdisciplinar.

PERCURSO Por que é importante o dispositivo ser interdisciplinar ou multidisciplinar?

BROIDE Porque a cidade é muito complexa. Só a psicanálise não dá conta de trabalhar nesse território, de jeito nenhum. Um outro trabalho que estamos fazendo é no centro da cidade, na República, com a população de rua e com os catadores avulsos. E aqui estamos conseguindo reunir diferentes setores, que é o que tenho falado há muito



tempo; para as questões graves de política pública não é possível trabalhar sem uma aliança e uma articulação entre o poder público, setor privado e o terceiro setor. Sem isso, não vai acontecer nada. Ali, de alguma maneira, nós estamos conseguindo. Tem um prédio muito interessante, o antigo prédio da Telefônica, na Rua 7 de Abril, onde está sendo feito um retrofit enorme. E a empresa nos contratou para fazer um trabalho ao redor, naquele quadrilátero, na rua Basílio da Gama, República, com as pessoas que ficam ali. Vamos trabalhando a necessidade de se ter um atendimento à população de rua, e desse atendimento faz parte a construção de redes, o acompanhamento da população aonde quer que ela vá. O trabalho não é só com a população na rua: se uma pessoa se interna, nós vamos juntos; se ela vai ver a família, vamos juntos...

PERCURSO Tem um acompanhamento.

BROIDE Tem um acompanhamento em todos os laços que a pessoa vai fazendo. Estamos construindo uma parceria com a Metaforma, que é essa empresa; com a BASE, e procurando outros parceiros. Esse trabalho se dá no âmbito da PUC-SP, na Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais [CEDEPE], um órgão ligado diretamente à Reitoria, o que nos ajuda muito na sustentação institucional e na produção de conhecimento.

PERCURSO Quantas pessoas são mobilizadas em um trabalho desses?

BROIDE No trabalho na Zona Sul e na Zona Leste, são quinze pessoas. A Emília e eu coordenamos. No Centro, com a população de rua, mais quinze, todos estudantes da PUC-SP e também alguns que foram se formando. Eu faço a coordenação e supervisão, e a Camila Ribeiro Leite, que foi minha aluna e se formou há uns dez anos, faz toda a supervisão do trabalho de campo. Nesse trabalho, temos que apresentar o orçamento para um engenheiro e ele pede uma linguagem com que nós não estamos acostumados, temos que nos desdobrar para descobrir. Ele diz: "Eu não posso apresentar esse projeto do jeito que está para os

esse trabalho se dá no âmbito da PUC-SP, na Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais [CEDEPE], um órgão ligado diretamente à Reitoria.

meus financiadores. Eles não vão participar." Isso exige de nós todo um trabalho de estruturação, o que é diferente do trabalho de campo, onde nos viramos muito bem.

PERCURSO O orçamento que vocês têm é para essa mobilidade da equipe, para a remuneração das pessoas e dos coordenadores também?

BROIDE Para todos. Pensamos que todos têm que ser remunerados. Grande parte do trabalho, porém, ainda é voluntário. Agora, eles dão um dinheiro que ajuda a manter o trabalho de pé. No caso da Zona Leste, a Fundação Tide Setúbal está remunerando através de um edital do qual participamos. Na Zona Sul, não. Nós estamos sempre em busca de recursos. O fato de o trabalho do Centro ser respaldado pela PUC é muito legal.

Tem uma história interessante nisso: aconteceu um problema com a população de rua que invadiu uma casa na frente da PUC. A reitora me chamou para ver como podíamos resolver a situação. Fizemos um grupo pequeno e ajudamos bastante. E então ela me disse: "Jorge, eu acho que a PUC tem que ser como a Poli, que tem na engenharia, a tecnologia construtiva. Nós não podemos competir com a Poli nisso, mas na metodologia e no trabalho social, sim. Vamos fazer aqui um lugar de desenvolvimento, de metodologia e de trabalho social com a população em situação de rua". Estamos agora nessa construção. E, através da PUC, pedimos financiamento.



*se você não souber onde
vai cada prego e a que preço,
você não pode começar a construção.
Mas a nossa metodologia é diferente.
Nós precisamos ir escutando,
e a escuta vai levando para
diferentes lugares e
diferentes dispositivos”.*

PERCURSO Eles têm um setor que ajuda a estruturar um projeto para conseguir financiamento?

BROIDE Sim, estão nos ajudando enormemente. Nós ficamos alocados na CEDEPE [Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais], um centro de estudos especiais que presta serviços para a comunidade. Eles têm uma equipe para fazer os projetos e estamos trabalhando com eles. A linguagem de projetos é muito específica, muito difícil para nós, e temos que aprender. A exigência é muito grande. É preciso ter um plano com um objetivo geral e objetivos específicos bem claros. O número de pessoas, o que cada uma vai fazer, o custo de cada um.

PERCURSO Fico imaginando como se delimitam as horas de trabalho num atendimento como esse que vocês fazem na cidade. Às vezes é preciso ficar um pouco mais, um pouco menos. Vocês têm um horário de entrada e de saída?

BROIDE Temos uma noção. Por exemplo, o pessoal vai para o campo terça, quarta e sexta. Três períodos no Centro. Na Zona Leste vão em dois períodos.

PERCURSO Tarde ou manhã...

BROIDE Isso, contamos assim. Agora, aquele trabalho não é só com a engenharia, é em qualquer projeto, qualquer licitação, qualquer edital. E depois tem que ter indicadores de resultado. Como você avalia o que você fez? Se deu certo, se não deu certo. Por que deu certo, por que não?

PERCURSO Mas os engenheiros topam aprender com vocês também?

BROIDE Topam. No projeto do Centro, estamos há um ano com eles, que aplicam o ESG [Environmental, Social and Governance]¹. Estamos também com o pessoal do ESG da BASE.

Em uma conversa que tive com um engenheiro há uns quinze dias atrás, eu falava: “Não aguento mais, cara... Já fizemos umas 40 vezes isso aqui!”. Ele respondeu: “Eu preciso saber o que vai acontecer”. “Ok, eu entendi, mas você precisa me entender. Quando você vai construir um prédio, antes de começar você precisa saber quantos pregos, a que preço e em que lugar você vai colocar. Se você não souber onde vai cada prego e a que preço, você não pode começar a construção. Mas a nossa metodologia é diferente. Nós precisamos ir escutando, e a escuta vai levando para diferentes lugares e diferentes dispositivos”. No final, foi uma conversa muito interessante.

PERCURSO Em um dos seus textos, nos chamou atenção você falar da presença de um jornalista na equipe. Ficamos nos perguntando: qual seria a função dele?

BROIDE Foi ótimo, porque selecionamos o que o território pede mesmo, o que o dispositivo pede. No caso dos jornalistas, foi com o grupo Ponte Jornalismo, que trabalha com a questão da segurança pública e dos direitos humanos. Eles são ótimos. Nós fizemos uma pesquisa sobre a população de rua, para a Secretaria Municipal de Direitos Humanos, no Governo Haddad, com o objetivo de subsidiar o Plano Municipal para a população em situação de rua na cidade de São Paulo. A ideia era que os dez pesquisadores fossem pessoas que haviam estado ou estavam em situação de rua. Era preciso formar esses

¹ Em português, *Índice Ambiental, Social e Governança*. Diz respeito à integração da geração de valor econômico à preocupação com as questões ambientais, sociais e de governança corporativas por parte das empresas.



pesquisadores para que fossem para a rua, e mudasse o foco deles: não mais fazer denúncia nem falar deles, mas escutar o outro. Muda completamente o foco. Trabalhamos intensamente com eles. Durante três ou quatro meses, não fomos para rua, fizemos um grupo terapêutico, a Emília e eu, com eles dez. Havia também um outro grupo, com dois psicólogos mais jovens, que faziam um grupo de campo e pensavam aonde ir, como ir etc. E um terceiro grupo, com o pessoal do Ponte, que propunha perguntas: como é olhar para a cidade? Como é a cidade? Como são a escrita e a leitura? Eles jogavam um monte de livros ali no chão e o pessoal ia pegando, desde literatura de cordel até outras coisas, e iam discutindo, escrevendo, contando o que tinham visto, como registrar isso. Esse trabalho foi muito legal, muito interessante mesmo.

PERCURSO Esse foi um trabalho específico com os jornalistas?

BROIDE Isso, convidamos o pessoal do Ponte pela experiência que eles têm com esse tipo de coisa. Fazíamos reuniões semanais, para pensar o que tinha ocorrido na semana inteira. Acompanhá-vamos milimetricamente o que estava acontecendo. E o pessoal do Ponte participava das análises, das visitas, das conversas, das escutas. O saber do jornalismo agregou muito.

PERCURSO Nesses dispositivos, o que vocês devolvem para a população? Vocês escutam, e depois?

BROIDE Escutamos na transferência e vão surgindo as questões mais importantes da vida e da urgência da vida. Com isso, vem a questão da elaboração dessa situação, de poder falar disso, e a partir dessa escuta entender o que é necessário para aquele sujeito. E, assim, formar uma rede de sustentação. A nossa equipe tem que fazer uma rede quente, como dizemos, com os serviços do lugar. Rede quente é rede mesmo, não é telefonar: “Oi, tudo bem, vou te mandar...”. Não!

PERCURSO Ir junto, mobilizar para entender o que está acontecendo.

*em geral, quando um trabalho
é feito, e muitas vezes se faz
um bom trabalho, quando a pessoa
sai dali, acabou. Para nós, não!
Nós já entendemos que é outra coisa.
Ele sai e nós vamos junto. Ele vai para
a casa da família, nós vamos junto.*

BROIDE Isso. Ir lá quebrar o pau com o cara da UBS [Unidade Básica de Saúde] que diz para a pessoa que não pode entrar com seu cachorro. E aí tem que se entranhar na cidade, nas relações pulsantes que estão presentes com uma materialidade impressionante. Muitas vezes não vemos, mas que tem uma materialidade, isso tem. A construção de redes que possam criar laços de sustentação para essa dor, para isso que o pessoal está vivendo. E laços de acompanhamento para onde eles vão.

O que é que se faz num trabalho de rua? Em geral, quando um trabalho é feito, e muitas vezes se faz um bom trabalho, quando a pessoa sai dali, acabou. Para nós, não! Nós já entendemos que é outra coisa. Ele sai e nós vamos junto. Ele vai para a casa da família, nós vamos junto. Vamos escutar a família, damos o nosso telefone para a mãe ligar, para eles se falarem. Se ele for internado, vamos visitar. Se for preso, vamos tratar de visitar também. O trabalho vai na direção da construção de uma rede. Todos nós temos redes, redes de classe social, e não nos damos conta do tamanho e da importância que elas têm. E o outro, despossuído dessa rede, está sempre diante do abismo. E é nesse abismo que temos que trabalhar.

Em nosso grupo, fazemos questão de trabalhar com o material clínico que é trazido, processamos esse material através de uma metodologia qualitativa de pesquisa. Isso permite que façamos uma generalização do que está ocorrendo ali para espaços maiores. Vemos os significantes



esse é um trabalho de longo prazo, que inclui a questão da miséria absoluta no Centro, procurando saídas, encontrando caminhos que pressupõem espaços de projetos de vida, de profissionalização. Trabalhamos com um conceito, o PIA [Plano Individual de Atendimento], que é do SUAS.

na metodologia rigorosa de pesquisa qualitativa, que se transformam em indicadores: aparece um aqui, aparece lá, como em um sonho. Aparece de diferentes maneiras, mas o conflito está posto. E vemos a repetição dos significantes através de crônicas. A crônica é um escrito que cada pessoa faz a partir da sua transferência ou contratransferência no atendimento. Depois do atendimento, ela escreve sob a forma de crônica: “Senti isso, pensei aquilo. Lembrei tal poesia...”. Tem gente que desenha. Quanto mais autêntico for, quanto mais estiver falando seu próprio discurso, melhor a crônica. É muito legal trabalhar com crônica porque ela te coloca na cena: você lê e a entende, se sente nela. Então, dessas crônicas levantamos os significantes, construímos indicadores que, depois, são processados para construirmos categorias de análise. Sempre a partir dos dados clínicos. Quando fazemos isso podemos dialogar com as políticas públicas. Estamos falando de generalizações consistentes com a política pública, com os empresários, com a universidade.

PERCURSO Para promover ações?

BROIDE Sim. É todo um processo. Tem a escuta territorial e a construção de um dispositivo. Na escuta territorial já tem crônicas. A pessoa vai escrevendo o que vai vendo da cidade. Depois tem o processamento desse material. Para mim, isso é muito importante para a psicanálise poder dialogar com o mundo de um outro jeito.

PERCURSO E quando vocês consideram finalizado o trabalho? Como se encerra?

BROIDE Estamos pensando, por exemplo, em dar continuidade ao trabalho do Centro. O prédio vai acabar, mas a ideia é buscar outros financiadores. Estamos pensando na PUC como uma interlocutora importantíssima para o desenvolvimento de políticas públicas. O que está sendo feito no centro da cidade é um desastre, um verdadeiro desastre!

PERCURSO Quando você fala em dialogar com as políticas públicas, se refere a um vínculo com o Estado? Como se dá essa conversa com o Estado?

BROIDE Tem vezes que dá para conversar e tem vezes que não dá. Atualmente está difícil. Mas o que pretendemos é o debate. Outro dia, o Tarcísio [de Freitas, governador de São Paulo] estava dando uma entrevista no Jornal Nacional e Globo News falando sobre a Cracolândia. Na mesma matéria me entrevistaram e eu disse algo bem diferente. Foi ótimo, porque é o ponto de vista de uma outra pessoa falando sobre aquilo que está ocorrendo no centro, e é importante que a psicanálise participe no debate sobre a vida na cidade. Esse é um trabalho de longo prazo, que inclui a questão da miséria absoluta no Centro, procurando saídas, encontrando caminhos que pressupõem espaços de projetos de vida, de profissionalização. Trabalhamos com um conceito, o PIA [Plano Individual de Atendimento], que é do SUAS. A partir da escuta do inconsciente deles, é que podemos descobrir caminhos. Temos que ir construindo com eles. Usamos, também, outro conceito, que para nós é importante. É o conceito das ancoragens, que inventamos, eu e Emília, desenhando em um guardanapo de bar.

Quando se atende pessoas em situações sociais críticas, muitas vezes não dá para entender como é que elas ainda estão vivas! Fomos entendendo que, se a pessoa está viva, é porque existem alguns fios invisíveis que a amarram à vida. Ela não sabe quais são, e nós também não. Na escuta, na transferência, é que vamos começar a entender e descobrir esses laços, esses fios que amarram a



pessoa à vida. A partir da escuta desses fios é que vamos vendo onde é importante amarrá-los para a sustentação daquele sujeito. Amarramos nesses fios que são as ancoragens. A equipe tem como radar exatamente as ancoragens do sujeito, ou seja, os fios que o amarram à vida. Seguir esses fios nos interessa quando fazemos o acompanhamento. Eles também são o nosso radar no território. Porque uma coisa é andar no território de qualquer jeito, o que é perigoso e infrutífero. Outra coisa é ir em busca de uma ancoragem para entrarmos por ela. Por exemplo, um garoto pode contar que lá na comunidade dele tem a mãe, mas tem também a dona Maria: “Ela é legal, gosta de mim desde pequenininho”. “Ah é? Então conta da dona Maria”. Ele começa a contar da Dona Maria e vemos que pulsa. Aí vamos até o território falar com ela. Como é que pulsa? A dona Maria olha para ele e diz: “Tomou banho hoje, hein, menino!? Tá bonito!”

*quando essa pessoa fala
enquanto sujeito, ela sai
da invisibilidade.
É uma experiência inaudita
para ela porque ninguém,
ou muito pouca gente,
a escutou na vida.*

experiência de ser sujeito, de poder falar de verdade daquilo que lhe acontece. Para nós, isso é muito importante. É a partir disso que são construídos esses laços, esses vínculos, as ancoragens, as visitas, a busca de sentido.

PERCURSO É com essa escuta para onde tem cuidado de vida, para onde o fio vai se tecendo e tornando uma rede mais sólida para sustentar a vida, que vocês vão treinando a equipe?

BROIDE Exatamente, onde tem pulsação de vida. E, de novo, com a ideia do interdisciplinar: nossa equipe do Centro agora tem um geógrafo, doutor em geografia, na obra de Milton Santos.

PERCURSO É através da escuta e do reconhecimento que ela faz que se dá a visibilidade.

BROIDE Isso, sai da invisibilidade. Nós dizemos que não ouvimos pessoas, nós escutamos sujeitos. Quando essa pessoa fala enquanto sujeito, ela sai da invisibilidade. É uma experiência inaudita para ela porque ninguém, ou muito pouca gente, a escutou na vida. O fato de ela se sentir escutada, de contar sua história, de ter um olhar, um desejo de vida para ela, se contrapõe a todo olhar de desejo de morte até então. Se sentir um sujeito falando sobre sua vida traz visibilidade para a pessoa e provoca um impacto. Quando me perguntam: “Mas quantas pessoas saíram da rua?”. Eu não sei. Muitas morreram. Mas é uma outra morte, porque a pessoa saiu da invisibilidade. Ela teve a

PERCURSO É curioso como esse trabalho não era reconhecido como psicanálise. Porque o que vocês fazem é retomar os estudos sobre a histeria, quando Freud diz que a questão não é ver, é escutar. Quando se escuta, se vê outra coisa e, naquele momento, o inconsciente recalcado. O que vocês fazem é isso, só que transformado a partir da virada de 1920, ou seja, tornando também o inconsciente pulsional, não só o recalcado, em algo que ganha visibilidade e então pode ser tratado.

BROIDE Sim, é isso.

PERCURSO Você poderia nos contar como pensa a questão da temporalidade das pessoas que estão em situação de rua?

BROIDE Penso que nós, eu também, vivemos num outro mundo, estamos fora desse país! Quando a pessoa vai para a rua não é por *uma* ruptura, é a *última* ruptura. Ela teve muitas rupturas e é a última que dá o salto qualitativo. Na rua, ela muda o psiquismo, porque se antes tinha que fazer laços com diferentes lugares, comunidade, escola, família, na rua se junta tudo naquele espaço urbano. É ali que ela aprende, que tem a vida erótica, a vida afetiva, ganha dinheiro. É tudo no mesmo lugar.



são centenas de milhões de reais que já foram jogados fora por não entenderem isso. Como o que costumamos escutar: “A gente tira o cara da rua e ele volta!”. Claro que volta, não adianta, porque tudo que é importante para ele está ali. Se não fizer um processo de elaboração, ele vai voltar.

Isso faz com que ela tenha uma regressão *semelhante* ao bebê com a mãe: a rua vira uma mãe, que aparentemente tem tudo. E tudo está ali, mesmo. Entendemos isso há muitos anos, e isso muda completamente o trabalho com a política pública. São centenas de milhões de reais que já foram jogados fora por não entenderem isso. Como o que costumamos escutar: “A gente tira o cara da rua e ele volta!”. Claro que volta, não adianta, porque tudo que é importante para ele está ali. Se não fizer um processo de elaboração, ele vai voltar.

PERCURSO Ou ele vai morrer.

BROIDE Sim, ou ele vai morrer. Bilhões de reais são gastos fazendo esse tipo de bobagem. E nós, a partir do saber da psicanálise e da escuta clínica, podemos dizer para o gestor: “Não, assim não vai funcionar”. Quando fazemos a capacitação das pessoas que trabalham com a população de rua, e elas entendem isso, muda muito o trabalho delas. É o que a psicanálise vem fazendo no mundo.

Voltando à pergunta de vocês, quando a pessoa sofre o processo de ir morar na rua, acontece

uma mudança na sua noção de espaço e de tempo, principalmente depois de seis meses. Até então a pessoa ainda está lutando. Depois, desanda. Seis meses é um marco. Tanto que se perguntamos a alguém: “Há quanto tempo você está na rua?”, ele pode responder: “Dois anos”. Se fizermos a mesma pergunta no dia seguinte, “Um ano”. E no outro dia, “Quatro anos”. Aí você pensa: “Esse cara está mentindo”. Então perguntamos: “O que que aconteceu? Como é isso?”. Ele vai dizer: “Desde que a minha mãe morreu”, “desde que a minha mulher me mandou embora de casa”. O tempo vai sendo marcado pelas perdas.

PERCURSO A rua, em geral, é um lugar mais ou menos constante na vida de alguém que mora nela? Ou pode ser qualquer lugar?

BROIDE Ele vai aonde circulam o dinheiro, a comida, as coisas. O comerciante que dá água, que dá comida. Isso é muito importante.

PERCURSO Em geral, as pessoas ficam na mesma região, no mesmo perímetro, durante os dois, três anos ou quatro anos?

BROIDE A vida inteira. Atendemos pessoas na República que estão morando naquela região há quarenta anos, desde os oito anos de idade! Pode mudar um quarteirão para lá, outro para cá. É muito importante pensar em como resolver a questão da moradia. Existem programas, como o Casa ou o Moradia Primeiro, *Housing First*². Mas não dá para fazer isso sem esse acompanhamento.

PERCURSO Como você vê a política pública atual?

BROIDE O Centro está vivendo uma ocupação militar, com bases da polícia em lugares estratégicos e muita repressão. Não vai funcionar. Eles estão fazendo a mesma coisa que o [João] Dória tentou fazer, que todos eles já tentaram, só que agora dizem: “Nós vamos ocupar o lugar militarmente”.

PERCURSO Isso é o Estado junto com a Prefeitura?

BROIDE Os dois. Quando atacam a Cracolândia, por exemplo, eles não entendem que o Centro

2 O projeto *Moradia Primeiro* do Governo Federal, baseado no modelo *Housing First*, parte do princípio do acesso imediato de uma pessoa em situação crônica de rua (mais de cinco anos na rua, uso abusivo de álcool e outras drogas e com transtorno mental) a uma moradia segura, individual, dispersa no território do município e integrada à comunidade. Ao entrar no projeto a pessoa passa a ser acompanhada por equipe flexível, composta por profissionais de diferentes áreas de modo a responder às demandas apresentadas pela pessoa de forma a apoiá-la a permanecer na moradia.



é constituído por estruturas de relações que se movimentam pela cidade. Outra questão muito grave é a do sistema prisional. Aproximadamente, mais de 50% da população em situação de rua é oriunda do sistema prisional.

PERCURSO Esses dados são recentes?

BROIDE São de agora. Como aumentou muito o sistema prisional, hoje em dia são 800 mil presos com, no mínimo, cinco pessoas relacionadas a cada um deles. O Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, atrás dos Estados Unidos e da China. É muita gente envolvida nisso. Não faz muito tempo, descobrimos que existe uma multa que a pessoa que sai da prisão tem que pagar. Descobrimos isso fazendo um trabalho com os servidores do SUAS, em Santos. Certo dia, um deles comentou que um homem tinha voltado para a prisão porque não tinha pagado a multa. Me surpreendi: “Como!? Que multa?”

PERCURSO Nós descobrimos isso lendo os seus textos. É impressionante!

BROIDE Pouca gente sabe disso. É muito sério. É um crime de Estado terrível. Fui atrás para entender isso. Falei com um, falei com outro, até que cheguei a um juiz amigo, e perguntei: “Que multa penal é essa?”. Ele tentou desconversar, insisti e ele disse para eu procurar um colega dele que sabia disso. Eu fui, e ele me mostrou, no código penal, a pena para tráfico e para crime contra o patrimônio: tanto tempo de reclusão, mais uma multa. Ele me explicou que essa multa se divide em duas: uma é a multa fiscal, que nenhum de nós vai ser preso por multa fiscal, e a outra é uma multa penal. Se a pessoa não paga, não cumpriu toda a sua pena, e se não cumpriu toda a sua pena ela não pode tirar carteira de trabalho.

PERCURSO É kafkiano, não tem saída!

BROIDE Não tem saída. O poder judiciário não sabe a violência que joga na cidade todos os dias por conta disso.

PERCURSO Isso está na constituição?

assim como a Cracolândia, o sistema prisional é uma estrutura que navega profundamente pela cidade.

Descobrimos isso escutando as entranhas da cidade. Pouco a pouco vimos as relações entre as pessoas mudarem e se constituírem através do código do sistema penal.

BROIDE Está no código penal. A pessoa sai do presídio sem nada, só com a roupa do corpo, e com uma multa, ao redor de sete mil reais, que ela nem sabia que existia. Geralmente é isso que ela tem que pagar para ressarcir o Estado por sua estadia. Se não paga, não recupera seus documentos. E daí vai para a rua.

PERCURSO É por isso que tem essa porcentagem alta de 50%, estão todos na rua.

BROIDE Eles não têm alternativa. Isso estabelece uma dinâmica muito forte. Assim como a Cracolândia, o sistema prisional é uma estrutura que navega profundamente pela cidade. Descobrimos isso escutando as entranhas da cidade. Pouco a pouco fomos vendo o jeito de falar, as gírias, as relações entre as pessoas mudarem e se constituírem através do código do sistema penal. As relações com os sistemas de atendimentos também mudaram, porque o sistema penal passou a ser trazido na transferência. Querem dominar o espaço, trazem a ética e a forma de controle do sistema penal. Mesmo que não saibamos, o sistema penal está navegando pela cidade. Quando você está no carro, o cara vem, levanta a camisa e dá a volta em si mesmo, vocês já devem ter visto isso, ele está dizendo: “Eu não estou armado”. Isso tem a ver com o sistema penal.

PERCURSO Você associa o sistema penal ao crime organizado, ou não obrigatoriamente?



Milton Santos é um dos grandes intelectuais brasileiros.

Tinha que ser mais lido por nós, porque ele sabe o que está falando sobre território; e quando fala de globalização, ele tem uma imagem muito boa.

BROIDE Sim, muito, mas essas pessoas que estão na rua, de alguma forma, são o dejetivo do dejetivo. São os corpos matáveis de que fala Agamben, que não valem nem o sacrifício dos deuses. São essas pessoas que vão para a Cracolândia e vão se deteriorando.

PERCURSO Em diferentes textos, você cita Milton Santos dizendo que a globalização perversa levaria os indivíduos a um estado de invisibilidade, e que a clínica pública vai facilitar reconexões e uma possível reterritorialização. Você poderia falar um pouco sobre essa ideia?

BROIDE Milton Santos é um dos grandes intelectuais brasileiros. Tinha que ser mais lido por nós, porque ele sabe o que está falando sobre território; e quando fala de globalização, ele tem uma imagem muito boa. Ele diz que os pontos do capital estão em rede nos países centrais, eles entram no território, fragmentam o território e transformam aquilo que é comunicação em informação. Sempre dou o exemplo do Jornal Nacional. Nós assistimos, e quando termina pensamos “o que foi que se falou mesmo?”. É muita informação e não tem nenhuma comunicação. E é no território que os produtos do capital vão se infiltrando. Então, a invisibilidade que o moleque sente é tão profunda, que no imaginário dele, se ele tiver o boné da Nike, vai sair da invisibilidade. Por isso ele rouba. Nesse sentido, o capital vai fragmentando o território.

Milton Santos fala que a reterritorialização tem a ver com a afetividade e com a contiguidade, proximidade. Para mim, isso tem tudo a ver com a psicanálise! Qual é o nosso papel como psicanalistas? Fazer a palavra e o afeto circularem no território, na rua, na instituição, em qualquer canto. A palavra vai criando e transformando. Isso dá sentido ao que fazemos no território. Trabalhamos com a contiguidade e com a afetividade, exatamente para reterritorializar esse lugar tão fragmentado. Eu acho isso lindíssimo, genial!

PERCURSO E tem algo nesse trabalho que é da ordem de um desvelamento do ícone do capital, que você diz que é algo muito vital para aquele adolescente que está buscando a existência, a visibilidade, não é? É como se o trabalho pela palavra e pelo afeto deixasse cair essa imagem, porque toca em um lugar mais apreensível pela experiência daquele sujeito.

BROIDE Sim. Ele vai viver isso e vai poder sair da alienação. Quando falamos: “Pô, meu, você vai matar o cara por causa desse boné? Você está louco? O que tem esse boné?”

PERCURSO Mas só dá para ser escutado se a palavra vier desse lugar de afeto.

BROIDE Desse lugar de escuta, dialogando com aquele sujeito. Emília e eu fizemos um livro a partir do meu doutorado sobre esse assunto. Nós dávamos supervisão em um Instituto, e nos pediram ajuda porque dois moleques que trabalhavam como monitores do Pronasci [Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania] mataram um outro menino. Propusemos um grupo onde todos estivessem juntos, os meninos sobreviventes de situações de violência muito graves e a equipe do Instituto. Um grupo horizontal.

Os dois moleques chegaram dizendo: “Eu sou fodido, agora virei matador”. A conversa foi indo, e um deles diz: “Olha, eu tinha feito dezesseis cursos, na hora que eu apertei o gatilho, perdi tudo. Perdi a minha vida!”. Então, a conversa começa a mudar completamente de figura. Um grupo como esse, em que o moleque pode

ter um insight desse tipo, serve muito mais para ele do que ser preso por um tempo.

O que eu posso dizer é que esses trabalhos todos que nós fazemos são, para mim, uma alegria! Eu me sinto experimentando situações muito diferentes a partir da psicanálise. Me sinto vivo! Sinto uma psicanálise viva!

Estamos fazendo um trabalho agora, Emília e eu, que começamos dez dias atrás, em Embu das Artes, capacitando todas as equipes dos CRAS [Centro de Referência de Assistência Social]. São equipamentos do SUAS que ficam dentro do território. Eu vou na quarta-feira, a Emília vai na sexta-feira, e trabalhamos com alguns textos, como sempre, por duas horas, uma hora com a teoria e outra para a supervisão dos casos. Eu sempre digo que nós temos que entender “onde é que o bicho está pegando”. E quando entendemos, temos que apalpar o bicho: concretizar, sentir de verdade. Eles estão fazendo grupos e sentem muita dificuldade. Por exemplo, num grupo que a Emília atende, o pessoal estava apavorado porque pessoas do tráfico tinham entrado e ocupado uma sala do CRAS para contar dinheiro lá dentro. Num caso como esse, não tem o que fazer. Os limites do território já são outros. Em outro grupo, o problema trazido era a falta de adesão das adolescentes grávidas nos grupos de conversa. Começamos com a pergunta: “Como é que vocês convidam as meninas?”. Foram percebendo que no próprio convite que faziam estavam inscritos os preconceitos em relação à menina grávida. Puderam perceber que as meninas estavam muito afetadas pela forma com que eram convidadas. Lógico que não iriam, e por isso não tinha grupo.

PERCURSO Quais são os referenciais teóricos da psicanálise que você utiliza no seu trabalho? E quais os conceitos fundamentais para pensar essa clínica?

BROIDE Freud, Lacan, Pichon Rivière. Toda a obra de Freud que se soma à de Lacan quando pensamos nos quatro conceitos fundamentais: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão. Tenho estudado Lacan há um tempo, mas



*a filosofia do Badiou explica
muito bem como a filosofia
e a psicanálise servem para operar
sobre coisas que não dialogam entre si.*

*Quando se está trabalhando
em uma urgência social,
as coisas não dialogam entre si.*

sou muito freudiano. Já o conceito de tarefa de Pichon é absolutamente transformador. O líder do dispositivo é a tarefa, é a urgência com que nós trabalhamos. Não é o coordenador. É a tarefa que nos lidera nos grupos, ela é a razão de existir do grupo. Estamos conversando aqui porque a tarefa é a entrevista para a revista, não é isso? Essa tarefa dirige toda a conversa que estamos tendo. Ter isso claro faz toda a diferença.

PERCURSO Que outras áreas do conhecimento você considera importantes para sustentar a clínica nas situações de vulnerabilidade?

BROIDE Hoje em dia, para mim, a filosofia ajuda muito. Eu não tenho nenhuma formação em filosofia, mas tenho alguns autores de referência: Foucault, que fala que um dispositivo é sempre de uma urgência social; Deleuze, para quem os dispositivos são máquinas de fazer ver e falar; Agamben, que diz que somos um dispositivo e traz a questão grupal, fundamental, porque esses dispositivos utilizados em grande parte são grupais. A filosofia do Badiou explica muito bem como a filosofia e a psicanálise servem para operar sobre coisas que não dialogam entre si. Quando se está trabalhando em uma urgência social, as coisas não dialogam entre si. Eu brinco dizendo que é abacate com parafuso, não é abacate com melancia; é limão com pneu, é isso que nós encontramos. E o que se faz com isso? Badiou tem um conceito muito interessante que é o do espaço vazio, que se



a primeira pergunta que eu faço quando alguém vem falar comigo: “Você se analisa? Que tipo de análise você faz?”. Sem isso a conversa não segue. Porque ele precisa elaborar o que vai ver na transferência, que são cenas difíceis de fato.

parece com o que Lacan fala da construção de um espaço vazio onde o sujeito e o conflito possam aparecer. O grupo como esse espaço vazio, o lugar de atendimento como esse espaço vazio, que não seja ocupado pelo meu desejo, pela minha ansiedade, para que o sujeito possa surgir ali. Fora isso também tem as questões da sociologia. Aprendi muito com Octavio Ianni, com Emir Sader e com Paulo Freire, que têm textos muitos importantes. Atualmente, tem o Luiz Eduardo Soares e o Gabriel Feltran, todo esse pessoal que está produzindo coisas muito interessantes na área da antropologia e da segurança pública.

PERCURSO Como você pensa a questão do enquadre interno do analista para sustentar esse trabalho em situações de extrema vulnerabilidade? Há algum outro cuidado específico além dos clássicos – teoria, supervisão e análise –, para esse psicanalista que faz a escuta territorial? O que você recomendaria para um jovem que quer fazer esse trabalho?

BROIDE A primeira pergunta que eu faço quando alguém vem falar comigo: “Você se analisa? Que tipo de análise você faz?”. Sem isso a conversa não segue. Porque ele precisa elaborar o que vai ver na transferência, que são cenas difíceis de fato. Depois, fazemos um acompanhamento com a supervisão. Na verdade, temos duas equipes que se interligam, com mais ou menos trinta pessoas no total. Semanalmente, fazemos um

acompanhamento com a supervisão e com uma reunião sobre temas que precisamos conversar. No trabalho do Centro, a Camila faz a supervisão de campo, ela está lá acompanhando o tempo inteiro. Também tomamos alguns cuidados importantes. Por exemplo, menina não pode ir sozinha para o campo. Nem duas mulheres juntas. Têm que ir pelo menos com um homem. E tem que cuidar com que roupa vai. Nesses lugares a questão erótica é muito forte, ainda mais uma menina branca, bonita, jovem. Imagina o que mobiliza, alguns avançam. As meninas têm que poder falar disso na supervisão. Alguns jovens entendem essa clínica com muita rapidez, mostram grande capacidade de escuta e intervenção, outros nem tanto, mas fazem um bom trabalho.

PERCURSO A crônica, citada por você anteriormente, deve ser um instrumento de elaboração muito importante, para além de colher os significantes que estão presentes no território. Ela ajuda a construir o que estamos chamando de um enquadre interno em que o profissional possa se segurar no atendimento?

BROIDE A crônica traz isso, é um instrumento muito bacana. Hoje, quando escrevemos é sempre a partir da clínica que aparece nas crônicas. Usamos as vinhetas das crônicas porque elas trazem o campo pulsante, assim não fica algo teórico. Na verdade, o trabalho é uma espiral de elaboração que começa na segunda-feira quando tem a supervisão e o pessoal fala da semana passada. Quando eles vão para o campo, sempre fazemos um pré-campo, um pré-grupo, como no futebol ou em qualquer esporte coletivo: ao entrar na quadra, se combina quem pega lá, quem pega aqui, quem fica atrás, quem vai para frente... é puro futebol. Depois fazemos o pós-campo: todo mundo senta e elabora aquilo que aconteceu. Não dá para sair assim sem mais. O pessoal se senta em um lugar, podem até tomar uma cerveja, mas trabalham e decantam aquilo que viram e sentiram, falam sobre o que aconteceu. Muitas vezes, no trabalho do Centro, vão num daqueles bares da Galeria Metrôpole, e eu acho ótimo, porque precisam de

um relax. E depois fazem a crônica. Existe um movimento de elaboração que se dá logo após o atendimento. A crônica quente é muito diferente da crônica fria. Nós temos que estar quentes ali também. A equipe é muito importante, porque é nela que as pessoas têm a liberdade de dizer: “O cara chegou, me olhou daquele jeito... eu fiquei morrendo de medo!”. Tem que ter essa liberdade entre eles e conosco também, na supervisão. Isso é muito importante, senão a pessoa não aguenta! Essas redes de ancoragens existem continuamente dentro da equipe.

PERCURSO Você trabalhou para a realização do primeiro Encontro de Psicanalistas e Psicólogos Marxistas em Cuba, no ano de 1986. Poderia nos contar qual foi a importância dessa experiência na sua vida?

BROIDE Teve uma importância muito grande. Quanto mais o tempo vai passando, mais vou pensando sobre isso, de formas variadas. Especialmente porque sempre me chama atenção o quão jovem eu era. E fui lá descobrir como e o que se podia fazer. Foi muito importante ter convívio com pessoas do calibre com as quais convivi. Afora todos os conflitos e os problemas políticos, fiquei muito tocado porque a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana foi a primeira instituição que me acolheu de verdade. Eu chegava lá e me pediam para dar aula, para corrigir provas. Me acolhiam como se eu estivesse chegando na minha casa, tive uma relação muito forte com eles. Toda essa experiência me marcou muito. Conheci gente de todo lugar, da América Latina, o pessoal da Europa, muitos dos argentinos que estavam lá. E depois também a convivência com as pessoas mais velhas, 10, 15, 20 anos mais velhas do que eu. Conheci a Mimi [Marie Langer] e todo o pessoal do Plataforma. Eu tinha que brigar com eles, discutir, mas foi muito interessante. Acabamos amigos depois.

Nessa semana, estava lendo um texto de José Bleger sobre grupos, que ele apresentou na Faculdade de Psicologia, na Universidade de Havana, em 1961. Naquela época Bleger, Leon Rozitchner



afora todos os conflitos e os problemas políticos, fiquei muito tocado porque a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana foi a primeira instituição que me acolheu de verdade.

Me acolhiam como se eu estivesse chegando na minha casa.

e vários outros foram para lá. Quando começamos, no primeiro encontro, aconteceu uma coisa impressionante. Havia um comitê organizador internacional e cada um de nós coordenava um grupo de vinte a trinta pessoas. No primeiro dia foi o caos mais absoluto! Um falava abacate e o outro falava pneu. Não tinha conversa. Então, nós, do Comitê Organizador Internacional e que coordenávamos os grupos, tivemos a feliz ideia de proibir falar de teoria. O grupo tinha que falar a partir da sua prática, do que fazia. Aí foi uma explosão! As pessoas tinham uma felicidade em ver que dava para falar, de um jeito ou de outro, que dava para estar perto, foi muito interessante. Eu também aprendi a conversar com a diversidade.

PERCURSO Como você vê o grande crescimento das Clínicas Públicas, atualmente, em todo o país?

BROIDE Vejo com um enorme otimismo. Penso, inclusive, que o Brasil, hoje, se não é o, está entre os mais produtivos em psicanálise no mundo. E todas essas clínicas são fruto disso. As pessoas não estão com medo de inventar, e isso tem uma importância grande. Tem muitos psicólogos com formação psicanalítica no SUS e no SUAS, que vão atender na Amazônia ou outros lugares do país. Historicamente, essas clínicas começaram a surgir na época da repressão, e hoje em dia se espalham. São muitas experiências diferentes, os grupos estão se reunindo, por exemplo, no projeto dos Territórios Clínicos desenvolvidos pela Fundação



“nosso trabalho é escutar o que vocês estão sentindo, pensando, com o que estão preocupados, para pensarmos juntos”. E não tem uma vez que eu ou alguém fale assim, de forma simples, sem firula, que não venha imediatamente uma quantidade gigantesca de coisas.

Tide Setúbal, através da coordenação da Tide Setúbal, psicanalista aqui do Sedes.

PERCURSO Haverá um congresso em Minas, agora em novembro, que reunirá as diferentes Clínicas de Borda.

BROIDE Isso. Estão fazendo os fanzines das Clínicas de Borda. Nós fizemos um zine também, o da Rede Sur, que conta o trabalho da Zona Leste e da Zona Sul. Está bem bacana. Penso que esses trabalhos que estão acontecendo no Brasil são psicanálise viva, que opera com o cerne da clínica. Psicanálise viva, instigante, criativa, que erra e acerta um monte.

PERCURSO A psicanálise no Brasil está criativa e pulsante por isso, pelas clínicas, ou seria o contrário?

BROIDE Acho que é uma junção do todo. Temos que reconhecer também o papel importante dos argentinos aqui no Brasil, inclusive no próprio Sedes. Em 1976, a Argentina vivia essa explosão da psicanálise que vemos hoje aqui. E foi nesse ano que aconteceu o golpe militar, e a repressão foi tão brutal que os psicanalistas tiveram que sair do país. Alguns vieram para cá, outros foram para outros lugares.

Uma vez, em 1986, fui a um congresso em Buenos Aires e apresentei um caso sobre uma família que morava nos banheiros do Parque da Lapa. Nós íamos ao parque, batíamos na porta

dos banheiros e falávamos: “Boa tarde!”. Olhavam assustados, pensando que era a prefeitura. “Boa tarde, nós somos psicólogos. “Nosso trabalho é escutar o que vocês estão sentindo, pensando, com o que estão preocupados, para pensarmos juntos”. E não tem uma vez que eu ou alguém fale assim, de forma simples, sem firula, que não venha imediatamente uma quantidade gigantesca de coisas. É raro não acontecer, é muito forte. Na rua, nos lugares em que trabalhamos, na Fila do Pão, na Zona Leste, eles falam: “Chegaram os psicólogos!”. No Centro: “Chegaram os psicodoidos!”. Tem muito humor na rua.

Mas, voltando ao congresso em Buenos Aires, um argentino perguntou: “Como é que vocês fazem isso?” Respondi: “Nós só continuamos o que vocês tiveram que parar”. Eu penso isso.

PERCURSO Os coletivos que fazem as clínicas públicas estão desenvolvendo também formação de analistas?

BROIDE Sim, clínica e formação são indissociáveis. Está acontecendo em vários lugares, nas universidades também. Eu ofereci uma disciplina eletiva na PUC que se chama “Psicanálise na cidade: a construção de dispositivos clínicos”. Existe um movimento que está se espalhando, e não sei onde vai dar. Mas tem alguma semelhança com a Viena Vermelha, onde foram se constituindo os vários trabalhos clínicos. E, como escrevo no prefácio do livro da Elizabeth Danto, em nenhum momento Freud disse: isso não é psicanálise ou isso não pode ser feito.

PERCURSO Você diz que, mesmo sendo minoritário dentro da psicanálise, esse movimento das clínicas públicas, que começou com a fala de Freud no Congresso de Budapeste, em 1918, não cessa nunca. O que não deixa esse movimento cessar?

BROIDE A ética, existe uma ética na psicanálise, em que o sujeito interessa, queremos escutá-lo. Quando Freud fala em 1918, ele fala de uma ética de escutar o sujeito que veio da guerra, escutar o sujeito que veio do horror, escutar o horror da cidade, como escutamos agora.

PERCURSO Há momentos históricos ou sociais que favorecem o interesse pela psicanálise que acontece para além do consultório? Resultando nesse movimento de florescimento dessas clínicas?

BROIDE Aqui no Brasil, acredito que uma das questões – e não acho que seja só essa, mas uma delas – tenha sido a questão do Temer e do Bolsonaro. Com todos os problemas que já tínhamos antes, as pessoas ficaram muito incomodadas vendo que algo precisava ser feito. E, junto com esse

momento político, tivemos ainda a pandemia. Foram eventos que mobilizaram muito o trabalho.

PERCURSO Em vídeos e textos, você se refere ao horror e ao belo nos trabalhos realizados em situações sociais críticas. Como é isso?

BROIDE Eu acho que nesses atendimentos todos, ao longo de tantos anos, sempre que surge o sujeito na transferência, surge o belo. E é belo mesmo, seja onde for!